

Dossiê revela detalhes da guerrilha

“Esses 24 anos passaram em minha mente como cenas de um filme” (José Genoíno ao ver sua foto de 1972)

Fotos e documentos inéditos, passados por um militar ao jornal *O Globo*, revelaram ao País momentos cruéis da Guerrilha do Araguaia, uma das últimas resistências armadas ao Regime Militar.

Apesar de todos os 59 guerrilheiros desaparecidos estarem incluídos na lista de indenizações do atual governo, familiares e entidades de direitos humanos exigem satisfações sobre a forma como foram mortos e o paradeiro de seus corpos. A indicação, pelo Exército, da localização dos corpos seria “uma ação humanitária”, afirma o deputado José Genoíno (PT-SP), ex-guerrilheiro do Araguaia.

Uma foto de Genoíno algemado e encostado a uma árvore na ocasião de sua captura foi publicada na capa de *O Globo* do dia 24 — início da reportagem especial sobre o dossiê do militar, cujo nome não foi revelado. O jornal publicou ainda fotos do guerrilheiro Dower Cavalcante, de cabeça baixa, com as mãos para trás, sendo esbofeteado por militares e fotos dos cadáveres dos guerrilheiros Kleber Lemos e Maria Lúcia Petit, esta com a cabeça dentro de um saco plástico e deitada sobre uma lona de pára-quadras militar.

Em 1991, um grupo de familiares de guerrilheiros, advogados, integrantes de entidades de direitos humanos e o legista Fortunato Badan Palhares, da Unicamp, esteve no cemitério de Xambioá, em Tocantins, para tentar resgatar o corpo do médico e guerrilheiro João Haas, seguindo orientações de moradores da



Maria Lúcia, morta em 16 de junho de 1972, dentes podem ajudar na identificação

região. A cova onde estaria sepultado Haas não foi localizada naquele momento, mas foram encontrados outros dois corpos: um, enrolado em um pára-quadras das Forças Armadas, dava indícios de ser o de Maria Lúcia Petit, segundo Elza Monerat — dirigente do PCdoB, que conheceu praticamente todos os guerrilheiros.

Elza dizia que a cartucheira encontrada junto ao corpo era semelhante à de Maria Lúcia. O legista Palhares, assim que retornou à Unicamp, deu entrevista à TV FR, de Limeira (e transmitida nacionalmente pela TV Manchete), onde declarava que aquele corpo (de uma mulher jovem) havia recebido

um tiro de fuzil FAO (de uso exclusivo das Forças Armadas) e que a calcinha encontrada na ossada revelava indícios de pólvora.

O modelo (tipo biquini) também não era usado por mulheres da região do Araguaia àquela época (1972/1973), afirmava o legista. Maria Lúcia, professora, 22 anos, era do interior de São Paulo. A ex-guerrilheira Criméia Shimitd afirma que o fecho do cinto mostrado pela foto é igual ao de Maria Lúcia. Familiares de Maria Lúcia e a Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos esperam que a identificação pelo Departamento de Medicina Legal da Unicamp seja agora agilizada, pois a foto publicada por *O Globo* pode facilitar os trabalhos dos legistas.

O outro corpo, de um negro de mais de 50 anos, poderia ser de Francisco Chaves, ex-marinheiro e integrante da guerrilha, segundo afirmações de Elza Monerat, que insistiu, ainda no cemitério de Xambioá, há cinco anos, para que o corpo fosse levado para a Unicamp, na expectativa de uma identificação.

Suzana Lisboa, representante dos familiares na Comissão Especial, diz que as revelações sobre a Guerrilha do Araguaia, que incluem camponeses mortos até então sem conhecimento do próprio PCdoB e de estudiosos da guerrilha, devem facilitar no prolongamento do prazo, estipulado para 14 de maio, para o preenchimento total da Lista dos Mortos e Desaparecidos Políticos pelo Regime Militar.